

6ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA
6th PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON

Noites de Queluz

Nights at Queluz

TEMPESTADE E GALANTERIE
TEMPEST AND GALANTERIE

ESPLENDORES SACROS DO BARROCO ITALIANO

Palácio Nacional de Queluz

Sala do Trono

7 Nov 2020 » 21:30

07/11 Sala do Trono | 21:30

Esplendores sacros do Barroco italiano

JOSÉ MARIA MONACO || Meio-soprano

DIVINO SOSPIRO

ISKRENA YORDANOVA || Violino I

MAURO MASSA || Violino I

ANDREA VASSALE || Violino I

ARCHIMEDE DE MARTINI || Violino I

ELISA BESTETTI || Violino II

LORENZO GUGOLE || Violino II

ULRIKE SLOWIK || Violino II

NUNO MENDES || Violeta

PEDRO PEREIRA || Violeta

REBECA PERRI || Violoncelo

ANA RAQUEL PINHEIRO || Violoncelo

JONATHAN ALVAREZ || Contrabaixo

PIETRO PROSSER || Alaúde

JOSÉ CARLOS ARAÚJO || Órgão positivo e Cravo

MASSIMO MAZZEO || Direção

Alessandro Scarlatti (1660 - 1725)

- *Starò nel mio boschetto* (*La Penitenza*), da oratória, *Il Giardino di Rose*

Giovanni Bononcini (1670 - 1747)

- Da oratória *La Conversione di Maddalena*
Recitativo
In tepidi fiumi
- Da oratória *La Maddalena ai piedi di Cristo*
Voglio piangere

Alessandro Scarlatti (1660 - 1725)

- *Salve Regina*, em Dó menor

Antonio Caldara (1670 - 1736)

- *In Lagrime Stemprato*, da oratória *La Maddalena ai piedi di Cristo*

Leonardo Leo (1694 - 1744)

- *Salve Regina*, em Dó menor

Nicolò Porpora (1686 - 1768)

- Abertura da oratória *Il trionfo della Divina Giustizia*

Domenico Scarlatti (1685 - 1757)

- *Salve Regina*, em Lá menor

Giovanni Bononcini (1670 - 1747)

- “*Fugge il tempo*” (*amor divino*), da oratória *La Conversione di Maddalena*

Alessandro Scarlatti (1660 - 1725)

- *Mentr'io godo* (*La Speranza*), da oratória *Il Giardino di Rose*

ESPLENDORES SACROS DO BARROCO ITALIANO

O grupo de compositores que hoje ouvimos têm a uni-los o facto de as suas carreiras terem, em maior ou menor grau, passado pela cidade papal. Alessandro Scarlatti, expoente da escola napolitana, passou dois períodos felizes em Roma: de 1672 a Outubro de 1683 e do início de 1703 até finais de 1708. O seu filho Domenico junta-se-lhe ali em Janeiro de 1708 e depressa cria reputação na Cidade Eterna, que a nomeação, aos 29 anos, para diretor da Capella Giulia (a capela privada dos papas) vem confirmar e coroar¹. O *Salve Regina* em Lá menor que dele ouvimos, para soprano, contralto e órgão, é de data desconhecida. De Scarlatti pai ouvem-se três peças: as árias *Starò nel mio boschetto* (La Penitenza) e *Mentr'io godo* (La Speranza), da oratória *Il Giardino di Rose*; e novo *Salve Regina*, em Dó menor. A primeira obra (cujo subtítulo é 'A Santíssima Virgem do Rosário') é uma *reprise* (sob novo título) da oratória *La religione giardiniera* estreada em Nápoles, em 1698, com libreto de Filippo de Raimo. Seria apresentada em Roma no domingo de Páscoa de 1707 (24 de Abril), no palazzo Bonelli, residência do marquês Francesco Maria Ruspoli (1672-1736)², figura decisiva do mecenato musical romano nesta época, e que com ela quis presentear a sua mulher, Maria Isabella Cesi (1676-1753), muito devota da Senhora do Rosário.

Trata-se de uma alegoria religiosa que opõe a Religião (tenor) a Bóreas (baixo), personificação de Lucífer, que procura destruir o roseiral. Ruspoli programá-la-ia de novo, a abrir a temporada de oratória, na Quaresma de 1708, aí porém eivada de alegoria política: Religião=Estados Papais/Papa; Bóreas=imperador austríaco, reflectindo os efeitos sobre a península itálica da Guerra da Sucessão Espanhola.

Nicolò Porpora foi figura de proa da escola napolitana, aliando a fama de compositor à de eminente pedagogo do canto. Dele se

¹ Trocará esse cargo passados nem 5 anos pelo de mestre da Capela Real portuguesa

² É bastante provável que Händel tenha estado ao cravo nessa 'performance'

ouve a Abertura da oratória *Il trionfo della divina giustizia*³, estreada em Nápoles, em 1716, portanto, numa fase ainda inicial da sua carreira, que decorreu sob a ‘sombra’ de Alessandro Scarlatti.

Da geração seguinte é já Leonardo Leo, que se distinguiu na opera seria, na nascente *commedia musicale* e na oratória (e também como pedagogo) e foi a figura dominante da vida musical napolitana desde 1730 até à sua morte, em 1744. O seu *Salve Regina* (em Dó menor), de data desconhecida, em 5 secções, está instrumentado para soprano, cordas e contínuo.

Antonio Caldara integrou a elite de músicos e mecenas romanos entre 1709 e 1716, antes de se mudar para Viena (onde permaneceria o resto da vida), ao serviço do imperador Carlos VI, cunhado de D. João V. Dele ouve-se a ária de Madalena *In lagrime stemprato il cor qui cade*, momento-chave da parte II da oratória A Madalena aos pés de Cristo, obra que datará de 1698, quando Caldara estava ainda na Veneza natal, não se sabendo se terá sido aí escutada. Mas foi-o de certeza em Mântua (seu posto seguinte), em 1699. Está instrumentada para SSAATB solistas, cordas e contínuo.

Uma oratória desse nome (a ambas subjaz o mesmo libreto de Lodovico Forni) ouvira-se já em 1690, em Modena, da autoria de Giovanni Bononcini. Ele viria a distinguir-se em Roma na década de 90 de Seiscentos (regressaria à cidade de 1714 a 1720). Também precedeu Caldara em Viena, onde esteve de 1697 até 1713⁸. Deste autor elogiado por compatriotas, por franceses e por ingleses, e favorito de dois imperadores austríacos, ouvem-se três árias provenientes de duas oratórias: de *La Maddalena d’piedi di Cristo* (estreada na sua Modena natal, na Quaresma de 1690), a ária *Voglio piangere*, em Sib menor; e de *La conversione di Maddalena* (estreada na Capela Imperial de Viena, na Quaresma de 1701), as árias *Fugge il tempo* (n.º 10 da parte I, em Sol m) e *In tepidi fiumi* (n.º 14 da parte I, em Fá menor), esta antecedida do respectivo recitativo.

BERNARDO MARIANO
Musicólogo

³ Título completo é: ‘Il trionfo della divina giustizia ne’ tormenti e morte di Giesù Cristo signor nostro’, designada no libreto como ‘dramma sacro’ e estreada na igreja de São Luís do Palácio, frente ao paço real de Nápoles, a 4 de Abril de 1716

⁸ Bononcini viveria algum tempo em Lisboa, em meados da década de 30

TEXTOS CANTADOS

Starò Nel Mio Boschetto

Texto | Filippo de Raimo

Starò nel mio boschetto
Qual dolce rosignuolo,
che chiama solo solo
il suo gradito amor.
E se m'invita al canto
Scherzando l'augelletto,
risponderà col pianto
ma lieto questo cor.

Al Sibilat Tremendo

Texto | Anónimo

Al sibilat tremendo di 'si fere minacce
Al nome, al tuono di 'si grave periglio
Il sangue, oh Dio, ne le fibre del cor si fa di gelo;
Del mio fallir trascorso
Conosco i folli eccessi
Cangio pensieri e voglie
Sprezzo i vani tesori e prendo intanto
Le colpe andate a seppellir nel pianto.

In Tepidi Fiumi

Texto | Anónimo

In tiepidi fiumi di lagrime amare
scioglietemi o' lumi
m'è caro il penar.
Risani l'umore del ciglio dolente
Le piaghe d'amore
Col suo lagrimar

Voglio Piangere

Texto | Bernardo Sandrinelli

Voglio piangere, sin che frangere
possa il nodo che mi lega,
Sempre il cielo appare amico
ai desiri ai sospiri d'un alma che prega

Salve Regina

Salve, Regina,
Mater misericordiae,
vita, dulcedo et spes nostra, salve.
Ad te clamamus,
exsules filii Evae
Ad te suspiramus gementes et flentes
in hac lacrimarum valle.
Eia ergo, advocata nostra,
illos tuos misericordes oculos
ad nos converte
Et Iesum, benedictum fructum
ventris tui,
nobis, post hoc exsilium, ostende.
O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria

In Lagrime Stemprato

Texto | Bernardo Sandrinelli

In lagrime stemprato il cor qui cade.
Giá s'ellesse per l'orme impresse del tuo pie'
di seguir del ciel le strade.

Fugge il Tempo

Texto | Anónimo

Fugge il tempo e seco a volo
Batte i vanni ogni contento.
Resta il pianto e resta solo
Con la colpa il pentimento

Mentr'io Godo

Texto | Filippo de Raimo

Mentr'io godo in dolce oblio
Con più lento mormorio
Scherzi l'aura intorno al cor.
Mormorando su la sponda
Vada a passo a passo l'onda,
Or che poso in grembo ai fior.



JOSÈ MARIA LO MONACO || meio-soprano

Josè Maria Lo Monaco, uma das mais promissoras meios-sopranos da sua geração, estreou-se no Rossini Opera Festival Academy, em Pesaro, em 2005, como Melibea, em *Viaggio a Reims*, de Rossini. Ali regressou para interpretar *L'Italiana in Algeri*, *La Scala di Seta* e *La Gazzetta*.

Depois de terminar o curso de pianista no Conservatório Vincenzo Bellini, Lo Monaco estudou canto com a meio-soprano Bianca Maria Casoni, em Milão. Rapidamente começou a receber convites por parte de salas de concertos em Itália e França.

Atuou no Teatro alla Scala pela primeira vez em 2006, com *Petite Messe Solennelle*, de Rossini, e *Dido and Aeneas*, de Purcell. Depois disso, já regressou à famosa sala de espetáculos para interpretar *La Donna del Lago* (Rossini), *Oberto, Conte di San Bonifacio* (Verdi) e o papel de Isolier em *Le Comte Ory*, ao lado de Juan Diego Flórez, numa produção de Laurent Pelly conduzida por Donato Renzetti.

Josè Maria estrou-se na Ópera de Paris e no Festival de Salzburgo como Timante em *Demofonte*, de Niccolò Jommelli, sob a batuta de Riccardo Muti. É convidada regularmente para cantar nas mais prestigiadas salas de música do mundo, como La Scala, em Milão, o Teatro Real, em Madrid, o Gran Teatre del Liceu, em Barcelona, a Ópera de Paris, o Theatre des Champs-Elysees, La Fenice, em Veneza, a Ópera de Lyon, entre outros.

Josè Maria trabalhou vários maestros, como Roberto Abbado, Fabio Biondi, Ottavio Dantone, Enrique Mazzola, Stefano Montanari, Riccardo Muti, Antonio Pappano, Evelino Pidó, Alberto Zedda e Donato Renzetti. Entrou em produções de Robert Carsen (*Rigoletto*, em Aix-en-Provence), Damiano Michieletto (*Così fan tutte*, *Le Nozze di Figaro*, *La Gazza ladra*, *Il Barbiere di*

Siviglia) e Pier Luigi Pizzi (*L'Incoronazione di Poppea*, em Florença). Foi prima-dona na interpretação de *Carmen* na Opéra National de Lyon, conduzida por Stefano Montanari e encenada por Olivier Py; Esta representação venceu o prémio 'Produção do Ano'. Atribuído pelo canal de televisão Mezzo. Em 2017, voltou a interpretar *Carmen* na Sydney Opera House.

Josè Maria distinguiu-se no repertório do bel canto, interpretando o papel de Adalgisa, em *Norma*, na Opera Royal de Wallonie-Liege, e Agnese del Maino, em *Beatrice di Tenda*, e Nelly, em *Adelson e Salvini*, no Teatro Massimo Bellini – todas elas obras de Vincenzo Bellini.

Deu vida a Giovanna Seymour, em *Anna Bolena*, de Donizetti, e Elisabetta, em *Maria Stuarda*, do mesmo compositor, no Donizetti Opera Festival, ao lado da soprano Mariella Devia.

A sua interpretação como Angelina (*La Cenerentola*), no Bari Teatro Petruzzelli, com Evelino Pidò e Daniele Abbado, foi um sucesso tal, que voltou a representar este papel numa produção de Jerome Savary, em Rennes e Toulon, bem como em Bilbao, Roma, Florença e Santiago do Chile.

Foi também Rosina, em *Il Barbiere di Siviglia*, no Grange Festival, e também Isolier, em *Le Comte Ory*, em Liège e Milão.

Reconhecida pela crítica como uma das melhores intérpretes da obra de Monteverdi, deu vida a Musica e Messaggera, em *L'Orfeo*, numa produção conduzida por Ottavio Dantone e encenada por Robert Carsen, na Opéra de Lausanne; Interpretou Messagera e Speranza, da mesma ópera, sob a direção de Andrea Marcon, Jordi Savall e Claudio Cavina; Representou o papel de Ottavia em *L'Incomazione di Poppea*, com Alan Curis e Pier Luigi Pizzi, em Florença, sob a direção de Jean Christophe Spinosi, no Teatro Colón de Buenos Aires.

Josè Maria Lo Monaco gravou a trilogia de Monteverdi para a Glossa, com Claudio Cavina e La Venexiana. Gravou também a interpretação de Messagera, em *L'Orfeu*, vencedor de um Gramophone Award, Ottone, em *L'Incoronazione di Poppea*, e Penelope, em *Il Ritorno d'Ulisse in Patria*.

Na obra de Handel, foi prima-dona em *Serse*, no Gran Teatre del Liceu, em Barcelona, e no Auditorio Nacional, em Madrid; Interpretou Ruggiero em *Alcina*, no Teatro Real; Alceste, em *Admeto*; Nerone, em *Agrippina*; e Cornelia, em *Giulio Cesare*.

Foi também prima-dona na interpretação de *Juditha Triumphans*, de Vivaldi, sob orientação de of Ottavio Dantone e com o apoio da Accademia Bizantina e desempenhou o papel de Alcina em *Orlando Furioso*, com Jean-Christophe Spinosi a dirigir o Ensemble Matheus. Participou também na interpretação de Tito Manlio no London Barbican Hall.

Entre os momentos mais importantes da sua carreira estão o seu desempenho como Dorabella (*Così fan tutte*) and Cherubino (*Le Nozze di Figaro*), ambas no Teatro La Fenice, o papel de Alessandro em *Carlo Re d'Allegna*, de Alessandro Scarlatti, a interpretação de Charlotte, em *Werther*, de Massenet, ao lado de Michele Mariotti, em Bolonha, e ainda Giulietta, em *Les Contes d'Hoffmann*, no Teatro San Carlo, em Nápoles.

Josè Maria interpretou *Stabat Mater*, de Rossini, sob a direção de Jesus Lopez Cobo, no Vaticano, para o Papa Bento XVI e Giorgio Napolitano, antigo presidente de Itália. Cantou também *Magnificat* de Bach, com Antonio Pappano, na Accademia di Santa Cecilia, em Roma, e a *Missa Solemnis* de Beethoven, sob a direção de Jean-Christophe Spinosi, em Barcelona e Madrid.

Os mais recentes eventos incluem a interpretação de Elmiro na ópera de Vivaldi *Dorilla in Tempe*, no Wexford Festival Opera; Cherubino (*Le Nozze di Figaro*) no Grande Teatro Nacional de Pequim; Sesto (*La Clemenza di Tito*) no Angers Nantes Opera; Rosina (*Il Barbiere di Siviglia*) na La Fenice.

Josè Maria Lo Monaco estreia-se no Royal Opera House como Lola na ópera de Mascagni *Cavalleria Rusticana*, numa produção de Damiano Michieletto, vencedora de um Olivier Award. Regressa também ao Grange Festival a interpretar Angelina, da ópera *La Cenerentola*.



DIVINO SOSPIRO

Divino Sospiro é uma orquestra barroca fundada sobre os princípios de qualidade e de rigor na da interpretação, que executa o repertório antigo sem no entanto abdicar do seu próprio instinto criativo. Foi criada com a vontade de despertar um novo gosto estético, uma nova paixão pelo “ouvir”, uma nova reflexão sobre o sentido da música e dos músicos. Desde a sua fundação, o agrupamento deu uma grande importância ao estudo e investigação da música portuguesa do período setecentista e, em parceria com a Parques de Sintra – Monte da Lua, criou o Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal (DS-CEMSP), sediado no Palácio de Queluz, focando o seu trabalho num património verdadeiramente único em Portugal – as “Serenatas do Palácio de Queluz”, considerado um dos mais consistentes projetos nacionais no âmbito da produção musical, quer científica, quer de interpretação.

Apresentou-se nas mais importantes salas de cultura em Portugal, como a Fundação Gulbenkian, CCB e Casa da Música, e no estrangeiro, incluindo digressões na Europa e Japão, colocando-se na vanguarda da divulgação do património cultural português e dos seus intérpretes. A sua discografia inclui Chiaroscuro, 1700-The Century of the Portuguese (2012), Antigono (2014), Passio Iberica (2019).

A Divino Sospiro teve a honra de atuar duas vezes para o Presidente da República portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, por ocasião da sessão de boas vindas aos Corpos Diplomáticos e nas Celebrações Oficiais do 25 de Abril. A DS-CEMSP, juntamente com a PSML, é hoje membro efetivo da REMA, a mais importante rede na Europa dedicada à música antiga e que hoje reúne membros de 88 Instituições culturais em 21 países europeus.



MASSIMO MAZZEO || direção musical

Formado no Conservatório de Veneza, especializou-se, sucessivamente, em viola-d'arco com Bruno Giuranna e Wolfram Christ, e em música de câmara e quarteto de cordas, com os membros dos célebres Quarteto Italiano e Quarteto Amadeus. De seguida, fez parte de algumas das mais prestigiadas orquestras do panorama musical italiano, dirigidas por ilustres maestros, entre os quais se destacam Leonard Bernstein, Zubin Metha, Carlo Maria Giulini, Yuri Temirkanov, Giuseppe Sinopoli, Georges Prêtre, Lorin Maazel e Valery Gergiev. Massimo Mazzeo já atuou em prestigiadas orquestras de câmara, tais como I Virtuosi di Roma, I Virtuosi di Santa Cecilia e Accademia Strumentale Italiana. Na área da música antiga, depois de ter colaborado com agrupamentos e artistas de grande renome em Itália, formou a orquestra barroca Divino Sospiro, que se afirma como uma das orquestras de referência em Portugal. Com este grupo, já se apresentou em alguns dos principais festivais a nível internacional.

Massimo Mazzeo colaborou com alguns dos solistas mais prestigiados, tais como Karina Gauvin, Giuliano Carmignola, Gemma Bertagnolli, Deborah York, Christophe Coin, Pedro Burmester e Ana Quintans. Dedicou o seu percurso interpretativo à procura de um estilo singular e de um equilíbrio entre uma visão historicamente informada e uma atitude que olha para a essência da música, transcendendo posições preconceituosas. Há vários anos que colabora com as mais importantes entidades artísticas do país, como a Fundação Calouste Gulbenkian, Companhia Nacional de Bailado, Centro Cultural de Belém, entre outros. Massimo Mazzeo tem gravado para as editoras BMG, Erato, Harmonia Mundi France, Deutsche Harmonia Mundi, Nuova Era, Movieplay, Nichion e Dynamic. É diretor artístico e fundador

da orquestra barroca Divino Sospiro. Em 2014, assumiu o cargo de diretor do “Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal”, sediado no Palácio Nacional de Queluz, em colaboração com a Parques de Sintra – Monte da Lua, através do qual se tem dedicado a um minucioso programa de recuperação de património (recuperação e edição crítica das Serenatas escritas para Queluz), atividade de programação musical, projetos científicos e pedagógicos. Foi agraciado pelo Presidente da Republica italiana com o título de Cavaliere dell’Ordine della Stella d’Italia pelo trabalho e desenvolvimento das relações artísticas entre Portugal e Itália.

PRÓXIMO EVENTO

NOVEMBRO '20

13/11 Sala do Trono | 21:30

LILA HAJOSI (meio-soprano)

LE CONCERT DE L'HOTEL DIEU / dir. FRANCK-EMMANUEL COMTE (cravo)

Medeia: A lendária feiticeira pelos génios musicais de Charpentier e Handel



Podemos questionar-nos sobre qual será a função da arte na sociedade atual. De que serve alongarmo-nos na contemplação da beleza num mundo que procura, cada vez mais, o útil? A resposta vem de dentro do Homem, da necessidade orgânica de usar as suas exigências como um trampolim para a mente. O que nos conduz à História da criação musical é verdadeiramente o resultado de um grandioso volteio do pensamento humano. Olhando para as nossas raízes, para o passado, e, em simultâneo, com os olhos postos na contemporaneidade, a temporada de música de 2020, intercala produções e convidados nacionais e internacionais. O ciclo “Noites de Queluz”, que abre portas no meio de mais uma altura terrível para a sociedade humana, vem propor obras de Stradella, Mozart, Bach, Beethoven, Haydn, Clementi, Bomtempo e Scarlatti – Estas são apenas algumas das peças do caleidoscópio que se desdobra ao longo do período que a temporada vai abraçando. Os intérpretes convidados para este ciclo apresentam-se, uma vez mais, aos nossos olhos – e mais ainda aos nossos ouvidos – como um Olimpo: Andreas Staier, Núria Rial, Andrea de Carlo, Ensemble Mare Nostrum, Concerto Campestre, Divino Sospiro, Roberta Mameli, Rinaldo Alessandrini, Laura Pontecorvo, Lígia Roque, Juan Sancho, José Maria lo Monaco, Le Concert de l’Hostel Dieu, Stefania Neonato constituem um exército iluminado, formado por artistas de uma excelência absoluta, alguns dos quais encontraram, nas últimas décadas, um lugar inalienável no coração e na vida de muitos amantes da música mundial.

Ao mesmo tempo, o nosso estudo e trabalho de investigação continuam, de forma ininterrupta, na recuperação da nossa herança intelectual e na sua identificação histórica e cultural. A Serenata “La contesa delle stagioni”, única sobrevivente das 8 Serenatas para a Corte de D. João V do grande compositor Domenico Scarlatti, foi escrita há 300 anos, por ocasião do aniversário de Maria Ana de Áustria, rainha de Portugal, tendo sido apresentada pela primeira vez no “Palácio Real de Lisboa”, a 7 de setembro de 1720. Esta obra é um dos arquétipos de um género

que em Portugal teve um grande desenvolvimento e que encontrou, no Palácio Nacional de Queluz, o seu lugar de eleição e um valor inestimável. Esta edição da Temporada de Música resulta de um debate frutífero e constante de conhecimentos interdisciplinares e concentra o propósito – espero que bem-sucedido – de conjugar conceção, criatividade e inovação com a devoção à tradição de lugares físicos ou intelectuais e à sua História, através do aprimoramento dos protagonistas do contexto musical de hoje, num constante serviço de respeito à Arte que nos chegou do passado.

A cultura, global e abrangente, é O Homem. Tal como os minerais absorvidos pelas raízes duma planta são eles mesmos A Planta, a matéria que a constitui. Simili modo, a raça humana sem cultura não o é. Na ausência do conhecimento e da cultura, o raciocínio individual fica limitado a uma partilha primitiva. Consequentemente, o contacto e a partilha da cultura devem ser vistos como âncora de salvação para quem caiu na armadilha e na espiral da forma falsa e fácil de viver, que se resume ao ter sucesso, dinheiro, poder sobre os outros, querer alcançar reconhecimento. Sem cultura, o Homem apenas pode reclamar a sua memória, o seu passado e a sua experiência. Contudo, quem vive no fluxo cultural, goza do passado, da experiência da inteira Humanidade e de biliões de indivíduos que protagonizaram toda uma História que, afinal, é a sua. Graças à cultura, muitos jovens apercebem-se da grandeza moral que existe neles próprios. Nestes termos, a minha forma de passar esta mensagem reflete-se na partilha, com orgulho e alegria, da riqueza que encontro no meu percurso, na esperança de que haja mais pessoas, cada vez mais, que aceitem o mesmo desafio. Um músico tem que levar a música ao mundo, um filósofo tem que levar o pensamento às pessoas, concretizando esta missão com coragem e amor. Sim, duas palavras essenciais a partir de agora: coragem e amor.

A música é fundamental para todo o ser humano e jamais poderíamos viver sem ela: o filósofo alemão Friedrich Nietzsche chegou a escrever que a existência privada de música seria um erro. Trata-se de uma linguagem própria da alma, que chega diretamente ao coração das

peças e nos rodeia em todos os lugares e em todos os momentos. Diz-se frequentemente que a arte está ao alcance de todos, mas não é para todos. Eu discordo – acho mais correto dizer que a arte, e principalmente a música, está ao alcance de todos aqueles que desejam desafiar-se a si próprios através dela. A cultura é vida, nutrimento. O único lugar que lhe compete ocupar é o centro da nossa experiência humana, estando disponível a quem pretenda adquirir novos instrumentos de pesquisa sobre o mundo ou uma nova e acrescentada sensibilidade, uma nova percepção, novas faculdades do pensamento e, enfim, novas estratégias de sobrevivência.

Os eventos culturais têm uma importância fundamental para a nossa vida. É, possivelmente, nesta altura tão particular que percebemos a falta que fazem a todos. Acompanhando as nossas emoções, estas atividades ajudam-nos a desenvolver novos pensamentos, novos raciocínios. Ora, aprendendo a participar em raciocínios interessantes e importantes, compreendemos melhor o passado e podemos olhar de forma diferente para o futuro. A cultura não contribui só para aumentar o prestígio de uma nação – a verdadeira razão é que, a longo prazo, estas atividades contribuem para o bem-estar e a “consciência do bem-estar”. E é exatamente em virtude dessa “consciência do bem-estar” – que não tem bases só económicas, mas sim uma riqueza cultural – que se funda e sustenta a maturidade política e social de um povo.

MASSIMO MAZZEO
Direção artística

7ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA – 2021
7TH PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON – 2021

Bilhetes à venda brevemente | Tickets soon available



Produção | Production



Apoio | Support



Media Partner



Parceiro Streaming | Streaming Partner

CherryBl0om.pt